

ASPECTOS NACIONAL E INTERNACIONAL DA TEORIA E DA CRÍTICA LITERÁRIA

Vital Duarte

(O Acadêmico Vital Duarte, por motivos de saúde, não leu o seu texto em plenário)

Os promotores do VI CONGRESSO BRASILEIRO DE TEORIA E CRÍTICA LITERÁRIAS E II SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE LITERATURA que elevaram CAMPINA GRANDE à condição de Capital Nacional e Internacional da Cultura, de 19 a 25 de setembro de 1982, foram bastante felizes ao introduzirem nos objetivos do interessante Conclave “o Estudo e a Teoria da Crítica Literárias no aspecto nacional e internacional”, cuja promoção de elevado alcance cultural interessa, particularmente, a professores de línguas e literatura, a teóricos e críticos de literatura, a estudantes de letras, a jornalistas, a escritores etc.

Distinguídos pela nímia gentileza dos orgnizadores do mencionado Encontro, com o honroso convite para, na qualidade de representante da ACADEMIA DE ARTES E LETRAS DE PERNAMBUCO, atuar como conferencista na grande jornada cultural que nos proporciona múltiplos estímulos, empreendida pela progressista Campina Grande, passamos a oferecer aos congressistas o exame e o estudo do sugestivo tema: “ASPECTO NACIONAL E INTERNACIONAL DA TEORIA E DA CRÍTICA LITERÁRIAS”.

II – Aspectos Internacional da Teoria e da Crítica Literárias

Se “teoria” constitui o conjunto de princípios fundamentais de uma ciência ou arte, “crítica” significa a arte do julgar os vocábulos, enquanto “crítica literária”, segundo o eruditismo de vários idiomas, inclusive o nosso, é a atividade intelectual que consiste na apreciação de obras da literatura que, “no Ocidente se inaugura tanto como ato de criação, quanto como prática de reflexão”.

Faz-se mister recordar que os primeiros textos críticos do século IV a.C originam-se no círculo socrático, prevalecendo, nos dias atuais a teoria

aristotélica que define o superior e o inferior em um sentido mais ético que social, e cuja distinção serviu, já entre os romanos, para distinguir o nobre do rude, caracterização que se transformou em perspectiva no teatro clássico francês.

Consta que o tratado “Do Estilo”, atribuído a Demétrio de Falero, datado do séc. I ou II a.C., foi o único texto do período helenístico que conseguiu sobreviver, pelo qual se percebe que a tradição do Classicismo grego se exaurira, cedendo lugar a uma preocupação quase exclusivamente gramatical, preocupando-se o autor em restringir a descrição dos tipos de períodos-familiar, histórico e retórico.

Demétrio, pelo teor de seu tratado, indica a passagem do florescimento grego para a atividade filológica, importante pela edição de textos e sobretudo pela preservação do idioma, mas extremamente pobre do ponto de vista inventivo, do período alexandrino Eratóstenes, Zenódoto, Aristófanes de Bizâncio, Aristarco de Bizâncio e Colímaco.

A crítica romana, de muito menor relevo que a crítica grega, acentuará as relações de poética com a retórica e o cuidado com as técnicas do escrever. Da preferência especulativa restam algumas fórmulas convertidas em preceitos, valendo mencionar o início do que modernamente viria ser conhecido como “análise da narrativa” e que se insere na Poética, de Aristóteles, fica com esquecimento completo, cuja tendência é a obra de Cícero, caracterizado filosoficamente por seu eletismo.

Em sua primorosa obra, Cícero insiste sobre a conjunção necessária entre eloquência e sabedoria, não obstante o seu estilo asiático o levasse a duvidar da sua prática do princípio proposto.

A teoria da literatura assenta nas mesmas bases que a sua precursora a ciência da literatura.

A oratória é a forma mais elevada da literatura, devendo o seu praticante ser adestrado em todas as formas de expressão, compreendendo o “estilo simples” destinado à instrução, “o médio”, destinado ao entretenimento e “o elevado”, ao despertar emoções, tudo isso porque a oratória, segundo Cícero, é ainda forma de deleite, muito embora a posição ciceroniana seja contraditada por seu contemporâneo Filodemo que se volta contra o próprio pensamento grego ao afirmar que “os poetas não são os mestres dos homens”, bem como é contra a retórica cicerônica, por considerar que “a retórica forense e política não são artes possíveis de transmissão”. Filodemo concorda com a retórica capaz de ensino — que se resume a uma arte de estilo. Mas a sua produção foi efêmera, enquanto a de Horácio foi amplamente conservada, interessando as opiniões manifestadas na quarta e décima partes do livro I das “Sátiras”, o livro I das “Epístolas”, nos quais explica as razões porque não mais escreve poesia lírica e a Arte poética.

Quintiliano destaca-se depois de Horácio, valendo assinalar que sua reflexão é inspirada pela procura de retorno à prosa clássica ciceroniana.

Vale acrescentar que sua influência para a história da crítica não teria sido marcante se não fosse sua discussão do “estilo”.

Coube a Loogino e Plotino dar continuidade ao pensamento grego, destacando-se, em ambos, o realce do talento inato e da inspiração necessária à arte. Mencionamos, em Longino, apenas as causas da grandeza da obra que dependem de cinco fatores a saber: a) vigorosa concepção mental; b) emoção forte e inspirada; c) modelagem adequada de figuras do pensamento e de expressão; d) dicção nobre que envolve tanto a escolha das palavras quanto o uso da linguagem figurativa e e) a correta disposição das palavras na frase, sendo que os dois primeiros requisitos dizem respeito às disposições inatas, e os três outros, ao adestramento técnico. É oportuno salientar, no entanto, que o estilo sublime é o resultante do expurgo dos vícios e do comando das técnicas expressivas.

É interessante frisar que a Idade Média, tão rica literariamente, não se destacou igualmente, pelo pensamento crítico sobre a literatura. A filosofia escolástica da arte, surge em lugar de grandes teóricos; tal filosofia privilegiou tão somente a música e, secundariamente, a pintura.

A escassez de um acompanhamento filosófico e pelo aumento da tendência prescritiva e ornamental, é a característica da retórica poética medieval. Santo Agostinho e Tomás de Aquino, procuraram constituir uma visão astronômica da arte. O pensamento cristão compreende, a exemplo de Plotino, a beleza como produto da busca de harmonia e consonância, que a Agostinho não passava de despercebida a tensão que a arte assim contrai, pois se aspira à unidade e sofre a resistência do material em que se realiza.

É oportuno assinalar, por outro lado, que o panorama se modifica de Agostinho a Tomás de Aquino, já porque Plotino, “cujo imanentismo panteísta se chocava com a concepção cristã de uma humanidade não divina, mas criada à semelhança de Deus, é substituído por Aristóteles, cuja concepção de essência e aparência, potência e ato melhor se ajustava a uma perspectiva que ao mesmo tempo pensava a relação e a separação entre Deus e suas obras”.

Vale acrescentar que o preceito de Agostinho e Quintiliano não se abala: a poesia é sucursal da lógica ou da retórica em toda a Idade Média.

No que concerne à crítica renascentista, no entanto, o problema básico com que se defronta o pensamento, consiste em conseguir justificar a literatura por critérios próprios libertando-a das cadeias teológicas, sem, entretanto ferir os interesses estabelecidos.

Enquanto isso, o Renascimento, ao lado da influência de Horácio, conhecerá o impacto causado pela redescoberta do texto da Poética de Aristóteles, já divulgada, na Idade Média, pela tradução latina do século XIII, sem influência considerável. Já a nova tradução de Giorgio Valla, de 1498, sim, exerceu influência no Renascimento.

A crítica renascentista, em síntese, não ultrapassa, nem intenta fa-

zê-lo, os limites do antigo dilema: a arte deleita e/ou educa. Vê-se que a curiosidade por Horácio e Aristóteles se move, ou no sentido de encontrar aí corroborada a tendência conformista, ou seja de ajustar o texto interpretado para que assim suceda.

É fácil perceber-se que a crítica literária não passa de uma psicologia aplicada provinda dos tempos mais remotos.

Saliente-se que a importância de Aristóteles na crítica neoclássica não deixou de crescer no século XVII, tanto no que se refere à literatura francesa, quanto em relação à inglesa que se tornam decisivas na elaboração do pensamento crítico. É Aristóteles ainda mais rígido entre os italianos e portanto mais convencional.

Sabe-se que a obra literária inglesa não é primariamente uma expressão pessoal, mas sim uma imitação objetiva, quer na natureza, quer através de um modelo.

O pensamento crítico do século XVIII, aparentemente continuador da tradição antiga, preparou a grande mudança realizada pelo Romantismo, já porque Aristóteles, Horácio e Platão haviam dominado o espírito até então vigente, verificando-se a partir de então, a concorrência intelectual derivada das obras de Locke e Hobbes.

Retóricos como Quintiliano e, sem dúvida, filósofos como Aristóteles cultivaram o que em vernáculo seria hoje, denominado de crítica literária. A propósito, Aristóteles foi "o primeiro crítico profundo, um verdadeiro crítico o censor", exatamente porque ele sabia julgar com sinceridade o autor e sua obra. Do que se conclui que "a crítica é uma estrutura de pensamento e conhecimento que existe por direito próprio", como preconizou Aristóteles.

O Romantismo, ao que se sabe, encontrou seus primeiros formuladores na Alemanha, assim como o Neoclassicismo se elaborou na Inglaterra e na França; nos irmãos August Wilhelm e Friedrich Schlegel, Novalis, Wackenroder Tieck notam-se os três pontos principais da elaboração do primeiro Romantismo: entronização da Grécia como berço da civilização ocidental; dominância da explicação de ordem histórica; e privilégio do espírito evolucionista, bem antes de Darwin. Na linguagem de Max Weber, o romântico é um tipo ideal na linguagem, que domina ou faz-se excessivo. Ao dominar, a poesia se transforma em objetiva, já porque o moderno não se enquadraria na designação, ao contrário, portanto, de Cervantes e Shakespeare, destacados num ensio de 1800, com as constantes seguintes: realce da ironia; papel do mito — a literatura moderna não seria romântica exatamente porque lhe falta o solo materno; manifestação dos valores do espírito, surgindo Shakespeare e a poesia espanhola como privilegiados. D. Quixote é o padrão da novelística e Calderón encarna o padrão da dramaturgia, "sendo preeminentemente cristão e, por isso, o mais romântico de todos".

O Clássico e o Romântico, cuja distinção foi elaborada por Friedrich Schlegel e difundida por seu irmão August Wilhelm, bem conhecida na Inglaterra pela obra de Madame de Stael, editada em 1813, foi aí logo traduzida e não foi tal distinção reconhecida pelos poetas ingleses, inclusive Byron.

O crítico E. Rober Curtius acreditava que “à literatura incumbe uma missão de unificação e pacificação dos espíritos”: O grande crítico alemão já conhecido pelos seus trabalhos anteriores sobre Balzac, Proust, Valéry, pretendeu com sua obra majestosa, mostrar, pelo exemplo medieval, como a literatura pode servir de base a um verdadeiro humanismo que integraria, também, a idade média de Santo Agostinho e Dante e para preservação da cultura ocidental.

A penetração crítica de Coleridge é mais profunda. Considera o poeta como o filósofo porque aglutina a abstração deste com a concreção da linguagem infantil, e lado consciente e o inconsciente, o racional e o emotivo.

Um aspecto inestimável é apresentado por Herder, demonstrando a obediência francesa ao historicismo. O historicismo da crítica francesa apresenta um saldo pouco favorável, isto porque se confundia história com crítica e se procurava valorizar e interpretar a obra a partir de critérios históricos, isto porque o historiador de literatura se considerava isento de julgamentos de valor, embora o fizesse do modo de Gustave Lanson. A propósito, a história não pode divorciar-se da crítica como Mukarovsky tentou fazer, “abandonando seu esquema formalista e abraçando o marxismo — sem dúvida, à custa de sua visão original de natureza e da autonomia da arte”.

A identificação da história com a crítica é demonstrada pelas obras de Sainte-Beuve e Taine, encontrando-se no primeiro uma crítica de fundamento biográfico, orientada por padrões éticos, mais para os jornais e revistas do que para os livros, o que, aliás, contraria a crítica moderna.

É interessante salientar que no panorama da crítica contemporânea destacam-se as obras de Erich Auerbach e Walter Benjamin. Auerbach apóia-se mais em Platão que em Aristóteles, enquanto a literatura ocidental se caracterizaria pela permanência de uma idéia de homem, segundo a qual, na expressão de Heráclito, “o caráter de um homem é o seu destino”.

É oportuno assinalar que em todas as literaturas, a atividade crítica contemporânea é bastante acentuada, só inferior em volume à ficção. Os críticos, geralmente podem ser mais bem estudados junto com a história das literaturas, sobretudo conhecendo-se a visão panorâmica das críticas italiana, inglesa, francesa, alemã, norte-americana e russa.

“Julius Caesar Scaliger (1484-1558) parece ser a principal fonte da nova concepção de crítica naquela época”. Tanto é assim que na sua obra póstuma “Poética” (1561), todo o sexto livro, intitulado “Crítico” é dedi-

cado a uma vista geral de poetas gregos e romanos, comparando-os, aferindo-lhes o valor, classificando-os, e até mesmo censurando-os como na formosa depreciação de Homero em favor de Virgílio.

O método de análise psicológica de Charles-Augustin Sainte-Beuve, (180-1869), constitui o ponto de partida de toda a crítica literária francesa, havendo outros consagrados críticos como Désiré Nissar, Ferdinand Brunetiére, Gustave Lanson, Emile Fagut, Jules Lemaitre, Albert Thibaudet, para mencionar apenas estes.

É válido e interessante notar que toda crítica literária italiana descende do grande Francesco de Sanctis (1817-1883), considerado o maior comentador dos episódios de Dante. Os grandes críticos que lhe sucederam são, na maioria, adeptos de Croce, principalmente Luigi Russo e Francisco Flora, vindo em seguida Renato Serra, Giuseppe Antônio Borgese, Ariano Tilgher, Alfredo Gargiulo, Giacomo Devoto.

A literatura como “conjunto de todas as manifestações críticas (ou mesmo só de todas as manifestações impressas) do espírito humano”, não foi aceita pelos estudiosos da estética literária, cujos conceitos dos gêneros literários foram combatidos e rejeitados por Benedetto Croce.

A natureza da crítica literária, portanto, foi em tempos passados, cultivada como gênero literário. A crítica moderna tende, conscientemente, a afastar-se de critérios estéticos, preferindo os científicos.

O pai da crítica literária inglesa é o consagrado poeta romântico Samuel Taylor Coleridge (1772-1834), muito embora a crítica de bom senso do famoso Dr. Samuel Johnson continue cerimoniosamente reverenciada nos dias atuais. Há outros famosos críticos literários britânicos como William Hazlitt, George Wdward Saintsbury, Richard Hoggart, valendo salientar que a crítica inglesa moderna teve início com os ensaios do grande poeta Stearns Eliott (1888-1965).

Os maiores protagonistas da crítica alemã foram Gouthold Efraim Lossing (1729-1781), um grande polemista; August Wilhelm Schlegel e Friedrich Schlegel (este último crítico romântico), devidamente reconhecidos no século XX. Acresce esclarecer que o precursor de uma verdadeira crítica na Alemanha foi o filósofo Wilhelm Dilthey (1833-1911), seguido de Friedrich Gundolf.

Depois de mais de meio século é que a crítica russa conseguiu libertar-se da ditadura de um método sociológico que subordinava os valores literários aos critérios políticos e sociais. Entre os críticos literários russos mencionam-se Nikolai Aleksandrovitch Debroljubov, Dmitri Ivanocitch Pissarov, Victor Borissevith Chkolovski, o fundador do grupo formalista, entre outros.

J. C. Ransom é considerado geralmente o fundador da Nova Crítica, acompanhado de Yvor Wilters, embora discordantes — como críticos que reincidiram em antigos dualismos.

Coube a T. S. Eliott fundar a crítica literária moderna nos EUA e teve a iniciativa de eliminar a crítica chamada "humanista" de Paul Elmer More, valendo mencionar ainda os seguintes críticos literários americanos: Cleanth Brooks, Edmund Wilson, Francisco Otto Matthiessen.

Entre os novos críticos há, pelo menos, dois grupos: os que têm cada vez mais vinculado a literatura a toda sorte do conhecimento — psicanálise em particular, marxismo, e recentemente antropologia; e os que têm tentado estudar a literatura primordialmente como fato estético.

Benedetto Croce (1866-1952) dominou completamente a crítica e a cultura italianas nos últimos cinquenta anos, mas fora da Itália suas teorias tiveram apenas influência negativa. E note-se que mesmo o difusor de suas idéias nos Estados Unidos, o fino historiador da crítica da Renascença, Joel E. Spingarn, não compreendeu as doutrinas características de Croce.

III — Aspecto Nacional da Teoria e da Crítica Literárias

Dividir em fases sucessivas a evolução da nossa crítica literária, poderíamos talvez traçar a seguinte linha: romantismo, realismo, impressionismo, humanismo e cientismo, na expressão do brasileiro Tristão de Atayde, que foi um dos críticos literários de bom porte em nosso País.

José Veríssimo — autor da História da Literatura Brasileira, escrita com as tintas do coração pelo amor à verdade, nos oferece uma dimensão sobre a crítica literária no Brasil e sempre protestou contra o nacionalismo literário e especialmente crítico, isto porque sempre considerou a literatura brasileira como um ramo da portuguesa, e, embora alguns escritores não o considerem, José Veríssimo "foi o mais equilibrado e por isso mesmo o mais objetivo dos grandes da crítica entre nós. Seu realismo o levou a manter-se a meio-termo do psicologismo de Araripe Júnior e do socialismo de Sílvio Romero. Veríssimo foi, portanto, um crítico literário de estimável valor.

Quando teve início a literatura no Brasil havia terminado o quinhentismo europeu, a melhor época da portuguesa que se ramificou pelas colônias de Portugal, inclusive pelo território brasileiro.

A crítica no Brasil surgiu, portanto, com as academias literárias do século XVII, sim, porque os seus primeiros ensaios constituíram os pareceres ou juízos neles apresentados sobre os trabalhos sujeitos à sua apreciação, pareceres esses velados no mesmo costume português. Desnecessário se torna afirmar, no entanto, que as Academias ou faculdades superiores brasileiras foram desde o meio do século passado os principais focos de nossa atividade literária, de cuja origem lhe virá a fraqueza dos resultados, a sua imperfeição e inconsistência, segundo José Veríssimo.

Machado de Assis foi, no seu tempo, considerado grande crítico lite-

rário, havendo sido o que mais fez crítica no sentido etimológico, na expressão de Tristão de Atayde.

Com o romantismo iniciou-se no País o período nacional, surgindo outros e mais variados gêneros literários, como a filosofia, a crítica e a história literária, o teatro, a oratória política e parlamentar, a ficção em prosa e as vernacularmente denominadas questões da comunidade.

A crítica literária propriamente só pôde existir num regime de livre opinião e publicação do pensamento que só veio depois da Independência do Brasil.

Joaquim Nabuco, insigne pernambucano, figura como historiador, crítico, sociólogo, economista, orador parlamentar ou tribuno popular e moralista, mas em tudo foi essencialmente um publicista se por publicista podemos também considerar o escritor, cujas produções elaboradas por amor e interesse da causa pública e cuja íntima inspiração é política, como assegurou Veríssimo.

Nabuco, se não foi como Alencar, Macedo ou Machado de Assis, um literato na expressão do termo, possuía os dons e mais as suas faculdades estéticas, o seu fino sentimento artístico que fizeram dele um dos mais completos e insignes críticos literários brasileiros de sua época.

Vamos conceder a palavra a Veríssimo que nos dirá sobre as origens telúricas de Joaquim Nabuco:

“Ao contrário da máxima parte dos escritores brasileiros, que quase todos tiveram origens medíocres senão ínfimas, Joaquim Aurélio Nabuco de Araújo, procedia de estirpe fidalga, da antiga nobreza territorial do Pernambuco, e era de uma família senatorial. Seu avô e seu pai foram senadores do Império e ocuparam nele altas situações de administração pública”.

O estudo das obras com um critério mais largo que as regras da retórica clássica, e já acompanhado de indagações psicológicas e referências mosológicas, históricas e outras, buscando compreender-lhes e explicar-lhes a formação e a essência, eis o papel da crítica como um ramo independente da literatura.

Dir-se-ia que Literatura constitui um produto cultural.

Nascendo, como afirmamos anteriormente, com o romantismo, a crítica inicialmente não foi benéfica. Muitas vezes a crítica se traduziu em louvores indiscretos acompanhados de divagações e mais das vezes ociosas e até impertinentes, porque não teria a lição preconizada por Aristóteles. Era, portanto, uma crítica retórica que não educava o público. Em sua época nasceu, também, a crítica erudita e mais a história literária.

No Brasil fizeram crítica a Varnagon, pioneiro em pesquisa de tal magnitude, oferecendo dados seguros, fatos e datas literárias e os correlações com a nossa evolução política. Coube-lhe efetuar os primeiros estudos sobre os autores, descobrindo alguns apenas vagamente conhecidos, pu-

blicando-lhes ou revelando-lhes as obras, identificando-os ou comprovando-lhes a existência e atividades.

Consta que Porto Alegre igualmente fez crítica literária no País, havendo sido o criador da crítica artística. Devem-se-lhe os primeiros estudos feitos sobre a nossa pintura e arquitetura e da iconografia e música brasileira, publicados entre 1845 e 1856 no *Ostensor*, na revista *Guanabara*, no *Iris*, na *Revista Brasileira* e na *Revista do Instituto Histórico Brasileiro*.

Macedo, Magalhães, Gonçalves Dias e Ferreira da Silva, foram outros românticos que igualmente fizeram crítica literária entre nós, mas tais críticas eram feitas dispersamente em jornais e revistas sem que viesse a sistematizar-se.

Álvares de Azevedo, da segunda geração romântica, com lampejos de talento literário, escreveu alguns ensaios de crítica literária. Outro poeta dessa geração que também ensaiou na crítica foi o poeta Junqueira Freire, vindo depois Bernardo Guimarães e José de Alencar, como se pode constatar, reuniu em livro a sua crítica da Confederação dos Tamoios, publicada em 1856.

Veríssimo assegura em sua *História da Literatura Brasileira* que Sílvio Romero fez obra copiosa de crítica geral e particular. Tobias Barreto, como discípulo dos alemães e muito mais diretamente dos franceses, igualmente fez crítica literária no Brasil.

Estranha-se que o maior e mais universal dos críticos franceses e que mais influência exerceu no seu tempo, mesmo fora da França, Sainte-Beuve, não tenha servido de modelo, ao menos de modo direto e claro, na constituição definitiva da crítica literária brasileira e talvez só Machado de Assis tenha de tal modo se aproveitado.

A crítica da primeira geração modernista, de 1920 em diante, ocupou-se, em nosso País, de modo particular com o problema estilístico, porque não há dúvida de que o “estilo é a arte e não a natureza. É a obra e não o homem”, segundo a filosofia aristotélica.

Wilson Martins, em “*A Crítica Literária no Brasil — São Paulo (1952)*”, fez crítica literária, ressaltando que o nosso país é tão escasso de meditações sobre a natureza e a função da crítica.

Afrânio Coutinho, uma das maiores autoridades no assunto, ao analisar o livro desse crítico literário, mostra algumas de suas deficiências: uma de “ordem metodológica” e outra sobre o “catálogo de livros” que é incompleto, relacionando, por exemplo as obras de João Ribeiro e de Tito Lívio de Castro, entre outras, de crítica, sem tê-las lido, como também, não levou em consideração a crítica nos artigos de jornais e revistas e uma terceira deficiência ainda, como a de “ordem conceitual”.

Acresce lembrar que “a formação da crítica é descobrir o que o autor tem de único”, na expressão de Afrânio Coutinho, autor da “*Crítica da Nova Crítica*”.

Wildon Martins assevera, ajuizadamente, contudo, que “somente o crítico da família estética aproxima-se do que seria teoricamente a crítica em suas aspirações mais altas e também em sua natureza mais rigorosamente depurada”. E diz mais: “O que tem faltado aos críticos brasileiros é a concepção estética da literatura e mesmo um em nossos dias não são todos os que a possuem”.

O precursor da crítica estético-literária no Brasil foi Mário de Andrade, seguido de Machado de Assis, porque se preocupavam com a estrutura da obra, consoante o figurino aristotélico. Tristão de Atayde pode ser considerado um crítico estético, ao referir-se ao “expressionismo crítico”.

Afrânio Coutinho, consagrado crítico literário brasileiro da atual geração, chama a atenção para o perigo da transferência da crítica literária para a cátedra universitária, em face da subordinação à erudição, mostrou precedentes nos grandes centros universitários europeus e norteamericanos, onde se confundiu a crítica com a erudição. Aí a crítica deixou de ser juízo e interpretação”, ficando, portanto, sem orientação.

Vale anotar o que assegura Afrânio Coutinho, contrariando Sainte-Beuve, ser “a crítica literária o exame da obra na sua intimidade estético-literária aristotélica”, e nada mais precisa ser acrescentado a respeito, porque o assunto está muito bem colocado.

A crítica literária se aperfeiçoa e se aprofunda. A crítica moderna nao obstante deve obedecer a cânones uniformes e coerentes.

Da geração nova da crítica literária nacional vale mencionar: Osvaldo Marques que escreveu sobre a imagem do Curso de Poética do Clube de Poesia de São Paulo; Darcy Damasceno, com o seu ensaio dedicado à afetividade lingüística no estilo das “Memórias de um Sargento de Milícias”; Saltensir Dutra, Faustó Cunha, Mário Faustino, Oliveira Bastos, Barreto Borges, Heron de Alencar, com seus estudos; Péricles Eugênio da Silva Ramos, Franklin Oliveira e Eduardo Portella, com seus ensaios dentro da nova linha de orientação conceitual e metodológica em crítica, todos pondo em relevo as vantagens que a crítica moderna oferece à análise e interpretação da literatura.

A fórmula da crítica no Brasil criada no século XIX está inteiramente esgotada. Era adaptada a uma realidade histórica, social e cultural.

A crítica literária brasileira herdou uma tradição francesa representada por Sainte-Beuve.

“O crítico é um ensaísta e no ensaísta mora um crítico” — diz Afrânio Coutinho e que sem a retórica não há literatura. A retórica é inseparável da realização das grandes obras-primas. A nova crítica não possui nacionalidade nem individualismo. É uma tendência geral da evolução crítica e indica que é dirigida à constituição da crítica literária com uma disciplina autônoma.

Damásio Alonso é um dos líderes da revolução crítica no Brasil.

A primeira crítica — a oitocentista é genética, historicista, extrínseca; a atual é estruturalista, intrínseca e ergocêntrica. O pioneiro da crítica estruturalista foi T. S. Elliot.

A crítica, é oportuno frisar, baseada no método histórico deu lugar à crítica estética.

O Padre Antônio Vieira fez crítica estética, escrevendo no estilo barroco, na interpretação da literatura seiscentista.

Fidelino de Figueiredo, autor de Estudos de Literatura (S. Paulo — 1951), acentua: a crítica chegara a extrema decadência com esgotamento do método histórico e do impressionismo. “O melhor da crítica do fim do século XIX foi feito com sacrifício das obras aos autores”.

A crítica literária caminha, a passos largos, para tornar-se no Brasil uma disciplina autônoma, cuja primordial finalidade é a explicação, a análise e a interpretação do fenômeno literário.

Vale lembrar aqui e agora, que a crítica literária é uma modalidade de julgamento estético que deve ser feita com objetivos de precisão e consciência sobre a obra e não o autor, como recomenda o figurino aristotélico.

É mister assinalar que a crítica literária é uma forma de arte e não é normalitiva, é, no entanto, uma disciplina de natureza científica. É uma ciência da literatura, um ramo, portanto da disciplina mais ampla.

A crítica impressionista é uma forma de crítica artística, nada tendo a ver com a notícia de livros, a qual, no final do século XIX, teve a época de maior fluorescência.

O problema da crítica literária é problema de cultura.

A nova crítica não tem país. É como a cultura que não possui pátria e venha de onde vier são benéficas as suas sementes.

Vale ensinar que o bom crítico é aquele que relata as aventuras de sua alma por entre as obras primas, segundo a fórmula de Anatole France.

Enquanto isto o crítico impressionista não julga a obra: dá impressões. O seu juízo tem um sentido puramente relativo.

Sendo uma função reflexiva e crítica não é um gênero literário. Ela nos ajuda a penetrar a beleza e o significado da obra literária.

Um pouco mais do que simples atividade reflexiva de natureza crítica podem ser alinhados: os diálogos de Platão, os ensaios de Montaigne e Bacon, os Pensamentos de Pascal, a Poética de Aristóteles, para mencionar apenas algumas glórias do espírito humano.

É importante assinalar que a verdadeira crítica é dirigida para a criação, na expressão de T. S. Eliot, enquanto Middleton Murry alude: “se a arte é a consciência da vida, a crítica é a consciência da arte. . .”

A crítica literária existe em função dos livros e não há cultura que progrida sem livros. Estes são instrumentos de transmissão da cultura organizada.

“A crítica literária é um mister complexo, técnico que exige forma-

ção, estudos e tirocínio, largo trato dos fenômenos estéticos e literários". Nas circunstâncias vigentes, não tem mais razão de ser a antiga fórmula da crítica, herança do século passado, hoje deve ser científica e autônoma.

Recapitulando, os precursores da crítica literária no Brasil, da crítica verdadeiramente literária, foram Mário de Andrade e Machado de Assis, embora este fizesse crítica acidentada e esporadicamente, na expressão de Sílvio Romero. Afrânio Coutinho defende um critério objetivo na definição do carácter estético da crítica literária nos modelos inteiramente aristotélicos, bem como defende a formação do crítico literário nas faculdades de letras das Universidades brasileiras, mesmo porque condena a crítica literária improvisada e repele o amadorismo.

Igualmente o VI CONGRESSO BRASILEIRO DE TEORIA E CRÍTICA LITERÁRIAS e II SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE LITERATURA, realizado na Rainha da Borborema, defende a formação do crítico literário em Faculdades de Letras de Universidades, cujo Conclave é soberano para propor o que seja absolutamente correto.

III — Conclusões

Sabemos que a crítica requer uma certa sensibilidade artística: muitas formas de crítica exigem habilidade artística de composição e estilo; a imaginação tem sua parte em todo conhecimento e ciência.

Não aceitamos que um crítico seja necessariamente um artista ou que a crítica, uma arte (no sentido estrito moderno), visto que sua meta é o conhecimento intelectual. A crítica é, portanto, um conhecimento conceitual.

Propõe-se que a crítica literária tenha cinco considerações: 1) sobre a verdadeira correção e edição de autores; 2) sobre a exposição e explicação de autores; 3) sobre os tempos, que em muitos casos forneceram grandes luzes para interpretações verídicas; 4) sobre alguma breve censura e julgamento de autores, e 5) sobre a sintaxe e disposição e estudos.

Evidentemente quem quer que se proponha ao mister de crítico obviamente obriga-se ao estudo da literatura, tornando-se um versado na matéria; o que só pode ser obtido com êxito através das Universidades. É necessário a formação de uma consciência de autocrítica. Há necessidade, portanto, de novo método de abordagem e análise do fenômeno literário como uma prática mais variada e melhor e com o senso de autenticidade, nas conceituações emitidas sobre a obra e não o autor, convém repetir.

É evidente que a formação do crítico literário envolve uma série de disciplinas e conhecimentos de artes e ciências, requerendo estudo completo de teorias e métodos críticos da história literária ocidental a partir dos gregos que os formularam, depois "o estudo do fenômeno literário em si,

mas grandes gêneros, no modo como foram instituídos na tradição universal, através da análise da obra-prima de todas as literaturas”.

Seria, portanto, da maior relevância o papel que competeria às faculdades de letras na formação do crítico literário, através de cursos de crítica e teoria e técnica literárias, devendo-se, contudo, evitar a apressada e superficial formação do crítico literário.

O estudo da literatura, atualmente realizado nas Universidades, não pode e não deve ser divorciado da crítica que é julgamento de valor.

Como tivemos oportunidade de assinalar no IV Congresso Brasileiro de Crítica Literária realizado nesta mesma cidade de Campina Grande em 1977, a crítica literária, constituindo disciplina da ciência da literatura, assim entendida hodiernamente, segundo a filosofia aristotélica, destina-se à análise e interpretação do fenômeno literário, da arte da linguagem, do texto e não do contexto da obra nem do autor, alcançando parâmetros de interpretação para muitos inatingíveis.

Esperamos, com tais explanações, embora modestas, haver concorrido para adesão dos congressistas ao estudo da Teoria e a Crítica Literárias no aspecto nacional e internacional e no incentivo do desenvolvimento do seu ensino e a defesa da introdução da Crítica Literária no curriculum das faculdades de Letras.

BIBLIOGRAFIA

WELLEK, René . Conceitos de Crítica. Editora Cultrix Ltda. São Paulo, 1963.

FIGUEIREDO, Fidelino. A Crítica Literária em Portugal. Lisboa, 1918.

COUTINHO, Afrânio. Da Crítica e da Nova Crítica. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro, 1975.

DUEROT, Oswald. Estruturalismo e Linguística. Editora Cultrix. São Paulo, 1968.

(*) Conferência proferida no dia 20/9/1982, no VI CONGRESSO BRASILEIRO DE TEORIA E CRÍTICA LITERÁRIAS e II SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE LITERATURA, pelo acadêmico LUIZ VITAL DUARTE, em Campina Grande-PB.

LUIZ VITAL DUARTE

- Nasceu em
- Nasceu em Alagoa Nova-PB
- É escritor, ensaísta, poeta e jornalista
- Pertence a vários Institutos Históricos e Academias de Letras e Associações de Imprensa.
- É cidadão honorário de Recife e Olinda.
- Idealizou e Coordenou a campanha Pró-Transformação de Olinda em Monumento Nacional. É Secretário-Geral da Academia de Artes e Letras de PE.
- Escreveu: Sugestões para a História da Matriz.
- Pernambuco — Fragmentos de sua Grandeza Histórica.
- Olinda na Formação da Nacionalidade.
- Tem 20 obras a publicar.
- É tenente-coronel da reserva e possui várias e importantes condecorações.